

O outro lado da linha: o infamiliar em “A hora da estrela”, de Clarice Lispector

The other side of the line: the uncanny in Clarice Lispector’s “A hora da estrela”

GUSTAVO LUÍS DE OLIVEIRA¹

Graduando em Letras - Tecnologias de Edição (CEFET-MG)

E-mail: 2001gustavo.luis@gmail.com

Resumo: Em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (1977), o narrador-personagem Rodrigo S. M., ao se deparar com a impactante história de Macabéa, uma nordestina emigrada no Rio de Janeiro, não vê outra possibilidade se não regurgitar a trama dessa inocente heroína que o corroeu através das palavras, com intuito de simbolizar o real para lidar com essa figura. Uma característica singular dessa personagem é não pensar em outra vida, não pensar no outro lado da linha. Embora essa possa parecer uma simples trama, é também revelador de uma constante inquietante que circunda a heroína, que é o de *infamiliar* (*unheimlich*), que é o encontro de uma realidade infamiliar que também é, de certo modo, familiar. O objetivo do presente artigo é analisar o conceito de *infamiliar* de Freud (2019), perpassando pela figura do narrador Rodrigo S. M. e da heroína da história, Macabéa, no último romance de Lispector.

Palavras-chave: infamiliar; real; realidade; simbolização.

Abstract: In *A hora da estrela* by Clarice Lispector (1977), the narrator-character Rodrigo S. M., upon encountering the impactful story of Macabéa, a northeastern migrant in Rio de Janeiro, feels compelled to regurgitate the plot of this innocent heroine who consumed him through words, in an effort to symbolize the real to cope with this figure. A singular characteristic of this character is her lack of contemplation of another life, not thinking about the other side of the line. Although this may seem like a simple plot, it also reveals a constant unsettling that surrounds the heroine, that of the uncanny (*unheimlich*), which is the encounter with an unfamiliar reality that is also, in some way, familiar. The aim of this article is to analyze Freud’s (2019) concept of the *uncanny*, through the figures of the narrator Rodrigo S. M. and the heroine of the story’s heroine, Macabéa, in Lispector’s last novel.

Keywords: uncanny; real; reality; symbolization.

1 INTRODUÇÃO

[...] Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos. Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos — sou eu que escrevo o que estou escrevendo [...]
(Clarice Lispector)

¹ Bolsista de Iniciação Científica do CNPq do projeto “Italo Calvino e o universo extra-humano”.

Em entrevista concedida em 1977 ao jornalista Júlio Lerner, da TV Cultura, Clarice Lispector (1920-1977), embora prefira não abordar em demasia sobre a última novela publicada enquanto ainda era viva, quando o entrevistador lhe pergunta sobre qual o enredo da narrativa, responde: “É a história de uma moça tão boa que só comia cachorro-quente. A história não é isso só não é [também a história] de uma inocência pisada, de uma miséria anônima.” (Lispector, 1977, 19:40-20:07). Na época dessa entrevista, a escritora preferiu não revelar o nome da obra, no entanto revela que o livro tinha treze títulos. Essa novela foi publicada sob o nome de *A hora da estrela*, em 1977, pela editora José Olympio Editora.

Na obra escrita por Lispector (1977), não apenas o “sobre o que é dito” é importante, mas também o “como é dito”. Apesar de este ser um paradigma dentro da composição das obras literárias, aqui, torna-se importante devido à forma como o narrador-personagem clariciano, em um fluxo de consciência, redige a história. Com esse traço singular, *A hora da estrela* (2020) inicia-se com o narrador-personagem, Rodrigo S. M., que, ao se deparar com uma moça nordestina, cuja face revelava um sentimento de perdição, em uma rua na cidade do Rio de Janeiro (Lispector, 1977, p. 10), utiliza a escrita como meio de simbolizar o que o punge, isto é, regurgitar a sua infinidade que pensamentos que passa a emergi-lo após esse contato. Rodrigo demora a penetrar na história da personagem, uma vez que adentrar nessa outra margem o corrói e gera no narrador uma certa infamiliaridade.

Essa moça que impacta o narrador é Macabéa², a heroína da história, uma emigrada nordestina em terras fluminenses, datilógrafa em uma repartição — mesmo que não saiba datilografar —, que se alimenta apenas de cachorros-quentes e refrigerantes e divide o quarto em uma pensão com outras quatro moças. Assim como é dito na entrevista de Lispector, essa personagem é dona de uma inocência pisada; a educação dada pela tia não a permitia ir além de ações pragmáticas do “isso é isso”, em vez de “isso ou aquilo”. Dessa forma, a heroína em suas simples ações não ultrapassa a margem, mantendo-se em um limite da linha e apenas reflete sobre sua vida quando consulta uma cartomante, Madame Carlota, que diz a Macabéa que essa vive uma vida miserável (Lispector, 2020, p. 71) e, assim, após esse contato, transborda essa linha imaginária pouco antes de seu epítáfio.

Uma constante na produção literária clariciano é o sentimento de angústia e horror dos personagens quando se deparam com uma situação que os coloca fora da margem. Ana do conto “Amor”, do livro *Laços de família*, é um dos exemplos, já que, ao voltar das compras diárias que fazia à tarde, em um ônibus e se deparar com a imagem de um cego mascarando chicletes, uma ação algo banal, o mundo ao qual estava acostumada é quebrado e em uma nova seara adentra, isto é, na infamiliaridade. De mesmo modo, essa situação recorrente de ser posto para fora da linha ocorre com o narrador Rodrigo S. M. e com a personagem Macabéa.

² O nome de Macabéa tem origem nos Macabeus (martelos em hebraico), exército rebelde judeu que conquistou o controle de alguns territórios de Israel.

Esse fenômeno, em termos freudianos, pode ser resumido no conceito de *infamiliar*³ (*unheimlich*), isto é, quando a realidade é colocada à prova, suscitando a angústia e o horror, já que aquilo que costumava ser familiar torna-se infamiliar. O infamiliar é, então, “[...] tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas veio à tona” (Freud, 2019), uma vez que o “efeito de infamiliar” também está ligado à familiaridade, não são condições opostas.

O presente trabalho pretende analisar as nuances de Rodrigo S. M. e Macabéa na obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (2020), a partir de um viés psicanalítico e sob a égide do conceito de *infamiliar* (*unheimlich*) de Sigmund Freud.

2 O TRAUMA DE RODRIGO S. M. E A CONSTRUÇÃO DO REAL

O narrador do último livro publicado em vida por Clarice Lispector, *A hora da estrela*, é Rodrigo S. M. Em um jargão típico da área dos Estudos Literários, pode ser classificado tanto como narrador autodiegético ou narrador-personagem. Nessa classificação, esse narrador seria aquele que conta as histórias utilizando a primeira pessoa e, no ato de narrar, o faz conhecendo ou fingindo conhecer, intimamente, os personagens objeto de suas histórias, os quais compõem o enredo (Santos; Oliveira, 2001, p. 6-7). Ou seja, esse tipo de narrador ao contar sob sua perspectiva os personagens, objetos de suas interpretações, simboliza assim o real de uma esfera particular, a qual é, por sua vez, uma representação do real, “[...] entendida como aquilo que é nomeado pela linguagem e pode, portanto, ser pensado e falado [...]” (Fink, 1998, p. 44).

Um grande exemplo na literatura brasileira é a célebre obra do movimento realista, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (2019), publicada pela primeira vez em 1899, na qual o narrador, que dá título à obra homônima, tem uma visão unitária sobre os fatos, como, por exemplo, a suposta traição de sua esposa Capitu com Bentinho, o melhor amigo do narrador. Durante a narração, Bentinho, o Dom Casmurro, tenta persuadir o leitor a acreditar em sua interpretação do real, através daquilo que toma como verdade. É essa obra de Machado de Assis que faz com que a cultura popular se questione se a personagem Capitu traiu ou não o Bentinho. Mas, nesse livro e pelo tipo de narrador-personagem que conta o enredo e que, ao tomar a primeira pessoa para tentar narrar o real e simbolizá-lo através da linguagem, interpreta-se a relação de Capitu com o seu melhor amigo como uma traição, embora não haja provas, para além das peças que o texto contém.

Entretanto, retomando o foco ao narrador clariceano de *A hora da estrela*, Rodrigo S. M., esse depara-se com uma figura e heroína às avessas, a Macabéa, a qual apresenta ar e sentimento de perdição, em uma terra estrangeira diferente daquela em que cresceu e foi criada. Esse encontro perturbador é narrado no seguinte trecho:

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua no Rio de Janeiro peguei no ar de relance

³ No Brasil, o conceito de *Unheimliche* de Freud foi traduzido como “estranho” (Imago, 1976), “inquietante” (Companhia das Letras, 2010) e “infamiliar” (Autêntica, 2019), sendo essa a escolhida como base para o presente trabalho.

o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste⁴. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonsos (Lispector, 2020, p. 10).

Rodrigo S. M., ao se deparar com essa figura, constrói o real, isto é, uma moça com sentimento de perdição em sua face. Então, houve um abalo sísmico durante o processo de captar esse real e simbolizá-lo através da palavra; a fim de perpassar por essa ferida que o punge, logo um trauma, utiliza a palavra para regurgitar a simples e potente história de Macabéa.

Diante do contato do narrador-personagem com Macabéa, a moça nordestina, ele adentra em um abismo e entra em contato com o *infamiliar*. Quando criança, Rodrigo S. M., se criou em terras nordestinas e, ali, conheceu uma realidade e população diferente da terra em que agora vivia. Contudo, ao tomar o ar de perdição da insólita figura de Macabéa, aquilo que estava recalcado na memória retorna para algo que é *familiar* (*heimlich*) e, ao mesmo tempo, *infamiliar* (*unheimlich*), por fazê-lo adentrar no fluxo contínuo das ideias.

É, pois, interessante a questão do ponto de vista dentro dessa obra de Clarice Lispector, haja vista que Macabéa com todas as suas particularidade e mazelas, silenciada muitas vezes pelos outros em uma “terra estrangeira” devido a sua posição é também silenciada em certa medida na narrativa — propositalmente, já que coube àquele que se petrificou ao olhar para Górgona a missão de contar a sua história: “Vai ser difícil escrever esta história. Apesar de eu não ter nada a ver com a moça terei que me escrever todo através dela por entre espantos meus [...]” (Lispector, 2020, p. 21). Aqui, nesse trecho, fica claro que o leitor não terá acesso à perspectiva de Macabéa, mas sim de um Outro, o Rodrigo S. M., que não a conhecia até então e nada tem a ver com a moça e que contará essa simples história, que também é reveladora de uma potência e da alienação dos nordestinos.

A singularidade como o narrador autodiegético do romance *A hora da estrela* (2020), Rodrigo S. M., e o modo como tece a realidade e a transpassa através das palavras, tornam essa obra de Clarice Lispector singular. Esse livro poderia contar apenas uma simples história de uma emigrada nordestina que é datilografia e que come cachorros-quentes todos os dias. No entanto, é com essa visão alheia e um expurgo do trauma que a história se constitui como uma das mais diferenciadas da Literatura Brasileira e um marco na carreira de Lispector.

No processo do real, simbolização e construção do real — a realidade —, o primeiro é *aquilo que ainda não foi simbolizado*, isto é, o real seria aquilo que existe antes da língua e da palavra, por assim dizer. E, no processo de simbolização do real e transportá-la para uma determinada língua, nem tudo é transformado em *sêma*, signos e, dessa

⁴ Essa obra de Clarice Lispector tem um forte caráter metalinguístico, uma vez que aqui é como se a autora se transmutasse por meio do narrador para abordar o processo de construção do livro, uma resposta à crítica que a considerava hermética e, também, uma forma de ressaltar seu período de infância que passou no Nordeste, já que, quando emigrada da Rússia, residira nessa região.

forma, esse restante seria o trauma, que seria uma fixação ou bloqueio (Fink, 1998, p. 44-45). Rodrigo S. M., portanto, enquanto narrador e personagem, a fim de dar conta do objeto do qual não tem piedade e faz o seu relato em uma perspectiva fria (Lispector, 2020, p. 11), o faz para adentrar naquilo que o feriu e/ou o traumatizou, isto é, a história da nordestina.

O narrador Rodrigo S. M. demora a adentrar na história de Macabéa. O espanto com a nordestina é tão grande que o faz tentar expor de algum modo, isto é, através da palavra. No entanto, para tanto, inicialmente narra sobre si e o porquê de necessitar da escrita para se sentir livre daquilo que o pungiu; simbolizando assim, através da palavra, aquilo que havia ficado recalcado na memória. A exemplo disso, temos a seguinte passagem sobre o processo de escrever:

É. Parece que estou mudando de modo de escrever. Mas acontece que só escrevo o que quero, não sou profissional — e preciso falar dessa nordestina senão sufoco. Ela me acusa e o meio de me defender é escrever sobre ela. Escrevo em traços vivos e ríspidos de pintura. Estarei lidando com fatos como se fossem as irremediáveis pedras de que falei [...] (Lispector, 2020, p. 15).

No trecho, o narrador Rodrigo S. M. professa acerca de sua mudança na escrita e, claro, sobre o porquê de estar escrevendo a história, já que, caso guarde apenas para si e não coloque para fora o afloramento que o breve encontro com a pobre nordestina, simbolizando as incumbências do real em alguma medida, ficará preso nessa história, se sentindo sufocado. Então, no processo de narrar, esse narrador-personagem escreve de modo a lidar com o trauma que foi decorrente desse simples encontro com uma simples moça, mas que é portadora de uma potência, de um engasgo e, é por essa razão, que ele tem de colocar para fora.

Rodrigo S. M., ao longo do processo de narrar e de escrever, de certa forma começa a se compadecer com a personagem Macabéa e sentir a sua falta, tal como na seguinte passagem: “[...] O médico me enjoou com sua cerveja. Tenho de interromper essa história por uns três dias. Nestes últimos três dias sozinho, sem personagens, despersonalizo-me e tiro-me de mim como quem tira uma roupa [...] E agora emerjo e sinto falta de Macabéa [...]” (Lispector, 2020, p. 63-64). Isto é, embora diga que não se afeiçoa com a história dessa inocente personagem, o narrador-personagem dessa história que simboliza o real para dar conta desse trauma, passa a se compadecer com a personagem, isto é, a se familiarizar com sua triste história — mesmo que o tenha colocado no campo do *infamiliar*.

3 O ENCONTRO DE MACABÉA COM O INFAMILIAR (UNHEIMLICH)

A pobre heroína, que faz Rodrigo S. M. ter um encontro com o *infamiliar* e, por conseguinte, traduzir a experiência e a ferida do real através da palavra escrita, é Macabéa. É uma alagoana órfã que imigra para o Rio de Janeiro, que trabalha como datilógrafa, mesmo sendo semianalfabeta, que divide o quarto com outras moças e que se alimenta diariamente de cachorros-quentes e refrigerantes. Vivia, então, uma vida

rotineira e pacata cuja possibilidade de passar para o outro lado da linha e, conseqüentemente, ter outras ambições e rotinas era quase nula, afinal, segundo a personagem, “isso é isso”.

Os pais de Macabéa haviam morrido quando ela era ainda criança no interior do Alagoas e, na infância, a tia beata passou a cuidar da sobrinha na capital alagoana, Maceió. Entretanto, a criação desse ser de ficção é de tal modo que, quando chegasse à idade adulta, não saísse do que era respeitável, portanto, uma autômata. Não à toa, a tia lhe batia para que, mais tarde, não se tornasse uma “vagabunda de rua” (Lispector, 2020, p. 25). Rodrigo S. M. professa então sobre os castigos que a menina recebia e a consciência dela sobre eles:

[...] As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornava o predileto da tia sabida? A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida (Lispector, 2020, p. 25).

O ambiente em que Macabéa cresceu e a educação que lhe foi dada não eram para que ela saísse da linha e transbordasse o convencional. Quando a tia de Macabéa a castigava e retirava sua sobremesa predileta, goiabada com queijo, a heroína do romance de Clarice não questionava sobre o porquê de estar sendo castigada, apenas recebia a punição, uma vez que, ao tomar essa consciência, poderia se rebelar de alguma forma. No entanto, a educação dada à personagem, que a limitava a uma determinada possibilidade de viver, não a fazia questionar a condição que a ela era imposta e “era assim mesmo”. Viver na linha era, portanto, viver na familiaridade daquilo que conhecia e continuaria a permanecer.

Apesar de Macabéa permanecer em uma zona branda, também subverte, a seu modo, a estrutura que vivia. Um exemplo marcante é a passagem quando a personagem mente para o patrão para poder faltar ao serviço, dizendo que arrancaria um dente e era muito perigoso. Mas, na verdade, Macabéa decidiu faltar ao serviço para descansar e experimentar pela primeira vez o sentimento de solidão e de estar só, já que as quatro Marias cansadas tinham ido trabalhar: “[...] Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então dançou num ato de absoluta coragem pois a tia não entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava: l-i-v-r-e! [...]” (Lispector, 2020, p. 37).

Isto é, mesmo que vivesse a vida ao modo como os outros lhe ensinaram e no contexto de uma emigrada nordestina em uma terra diferente da qual foi criada e com pessoas diferentes, também conseguiria se rebelar e experimentar novas sensações como a solidão. Esse é, pois, um ponto interessante e o início de uma unfamiliaridade em *A hora da estrela*, haja vista que estava acostumada apenas ao seu espaço que era destinado e nunca tinha ficado sozinha, por exemplo. Mas, a portadora de uma inocência infame dá início ao processo de estar livre e a um salto à consciência, mesmo que esse tópico chegue apenas mais tarde no enredo clariciano.

Associando-se essa personagem ao conceito de *infamiliar* (*unheimlich*), é possível notar uma semelhança, sobretudo, quando do momento próximo de seu epitáfio. Após Glória, sua colega de trabalho, usurpar o namorado de Macabéa, o Olímpico de Jesus, também nordestino e metalúrgico, recomenda a personagem Macabéa — talvez por remorso — que consulte uma cartomante a que tinha ido recentemente. E é após esse derradeiro encontro de Macabéa com Madama Carlota que a consciência ou a hora da estrela começa a inundar a linha que a personagem costumava viver.

Macabéa, ao chegar no consultório de Madama, viu que uma moça saiu chorando do consultório, onde as cartas eram tiradas. Entrando no consultório, antes de retirar as cartas, a taróloga conta acerca de sua trajetória de vida, pois, antes de se aventurar pelo mundo da misticidade, era pobre e trabalhava na zona como garota de programa. Após uma longa conversa com a heroína do enredo, a consulta finalmente se inicia e “[...] pela primeira vez [vir]ia [a] ter um destino [...]” (Lispector, 2020, p. 68). Pela primeira vez em sua vida, após anos de sua existência, Macabéa, pela voz de outro alguém, escuta a verdade sobre a vida que levava, que era infeliz.

É nessa consulta de Madama Carlota em que Macabéa se confronta com a infamiliaridade e a descoberta da consciência. O narrador-personagem de *A hora da estrela* (2020), Rodrigo S. M. vai dizer então: “Madama Carlota havia acertado tudo. Macabéa estava espantada. Só então vira que sua vida era uma miséria. Teve vontade de chorar ao ver o seu lado oposto, ela que, como disse, até então se julgava feliz.” (Lispector, 2020, p. 71). Então, o “efeito de infamiliar” começa a se manifestar em Macabéa. Esse *infamiliar*, de acordo com Freud (2019), seria:

A palavra alemã *unheimlich* [infamiliar] é, claramente, o oposto de *heimlich* [familiar], doméstico, íntimo, e nos aproximamos da conclusão de que algo seria assustador porque *não* seria conhecido e familiar. Mas, naturalmente, nem tudo que é novo e que não é familiar é assustador; a relação *não* é reversível. Pode-se apenas dizer que o que é inovador torna-se facilmente assustador e *infamiliar*, nem tudo o que é novidade é assustador. Ao novo e ao não familiar se deve, de início, acrescentar algo para torná-lo *infamiliar* (Freud, 2019, *e-book*).

Então, Macabéa, a inocente e potente heroína da história, ao saber da verdade sobre sua vida e também tomar a consciência acerca de seu destino, pela primeira vez através das cartas de Madama Carlota, manifesta o *infamiliar*, já que o real e a realidade que tinha até então sobre sua vida são colocados à prova, e uma nova euforia toma a sua vida que é, de uma certa forma, olhar para si mesma e descobrir que aquilo que tinha como verdade, mesmo que não manifeste de modo assustador, é ruído e, dessa forma, o *infamiliar* se manifesta em oposição ao seu senso comum. Ou seja, agora, é no outro ponto da linha que Macabéa é colocada ao olhar para si e ter a noção de que é infeliz e, portanto, transborda a margem.

Madama Carlota, ao perceber a reação de Macabéa, inventa um futuro feliz para esse ser de ficção, que ela conheceria um homem estrangeiro e se casaria com ele, além de dar um “feitiço” à personagem. Então, após sair da consulta e ligar com o desafio de atravessar a rua, uma nova Macabéa se firmava e imperava, pois “[...] Sentia em si uma

esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho [...]” (Lispector, 2020, p. 72). O mundo de Macabéa é desconstruído, afinal *o isso já não é mais o isso* e uma nova possibilidade de vida, uma infamiliaridade com um futuro, mesmo que alinhado a uma perda, faz com que a personagem se torne uma nova figura.

Entretanto, o estalar da estrela é um movimento efêmero, já que, ao atravessar essa rua, Macabéa é atropelada por uma Mercedes amarelo e morre, sem ter ninguém para socorrê-la. E, assim, Macabéa teve a sua hora da estrela, “[...] Pois é na hora da morte [que] a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante da glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes.” (Lispector, 2020, p. 25).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Clarice Lispector transitava entre diferentes territórios devido às suas origens e ao lugar em que cresceu e se enraizou, isto é, entre as culturas eslava e brasileira, embora se firmasse apenas como brasileira. Em *A hora da estrela*, a sua última obra publicada em vida, o narrador-personagem Rodrigo S. M., ao entrar em contato com Macabéa e ter de utilizar a palavra para dar conta do real que o punziu, e a personagem que adentra um novo mundo após Madama Carlota lhe dizer que sua vida era, por deveras, infeliz, entram em uma zona desconhecida, uma zona da infamiliaridade.

Rodrigo S. M. é penetrado por um passado que estava recalcado — assim como Macabéa, por estar em outro território e longe da cultura em que crescera — ao sentir o sentimento de perdição da nordestina. O narrador de *A hora da estrela* (2020), ao lidar com a infamiliaridade diante do que Macabéa o suscitou, narra em um fluxo de consciência a história de Macabéa, a fim de lidar com o esse trauma que estava recalcado, isto é, com a linguagem o auxiliando a expor a sua história e a de Macabéa. Esse narrador, então, adentra na zona cinzenta da infamiliaridade a partir desse primeiro contato, que o punge e, embora se distancie no início, afeiçoa-se também com a história da moça nordestina.

Macabéa é, portanto, o retrato de uma inocência pisada ao mesmo tempo em que é dona de uma potência. Vivia apenas da forma como foi ensinada e da forma como pensava que as coisas deveriam ser, sem se desmarginalizar ou sair de linha — mas tudo tem sua primeira vez, assim como no episódio de quando falta ao serviço. O encontro com Madama Carlota a coloca em uma zona diferente com a qual estava acostumada, pois, ao ouvir de um Outro que sua vida é infeliz, toma consciência de si, e o futuro do qual não pensava passa a existir, mas de outra forma e em outro lado da margem.

A hora da estrela é, portanto, uma obra singular, tanto na obra clariciana quanto na literatura brasileira, devido à imensidão de fluxos de pensamento para o qual o leitor é transportado, para a zona do *infamiliar*, assim como Rodrigo S. M. e Macabéa.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. **Dom Casmurro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

FINK, B. A função criativa da palavra: o simbólico e o real. *In: O sujeito laciano: entre a linguagem e o gozo*. Tradução de Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 43-53.

FREUD, S. **O infamiliar**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, *e-book*.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, C. Amor. *In: Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013.

LISPECTOR, C. Panorama com Clarice Lispector. Entrevistador: Júlio Lerner. São Paulo: TV Cultura, 1977. Disponível em: <https://youtu.be/ohHP112EVnU?si=OyI5Pitb3-fKnN4s>.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. Sujeitos ficcionais. *In: Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 01-41.